

## REFLEXÕES INICIAIS SOBRE DANÇA, GÊNERO E SEXUALIDADE

O objetivo do estudo de Andreoli (2019) foi discutir o tema da diversidade sexual e de gênero no âmbito do ensino da dança, na interface entre a dança e a educação, em moldes de uma revisão de literatura. Vale, inicialmente, conceituar e desmistificar o conceito de gênero. Para tanto o autor se baseia nas produções de Butler (2000, 2007) e Louro (2007, 2013). Inserimos neste contexto uma definição importante trazida por Scott (1995) que entende o gênero como

forma de indicar “construções culturais” – a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. “Gênero” é, segundo esta definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado (SCOTT, 1995, p. 75).

Ainda sob a teoria da Joan Scott, a categoria gênero se constitui nas relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos, implicando também a relação de quatro elementos fundamentais para a compreensão desse termo. “O primeiro refere-se aos símbolos culturais disponíveis, que evocam representações simbólicas, e com frequência, contraditórias” (SCOTT, 1995, p. 86). Nesse sentido uma questão relevante é: que representações simbólicas são invocadas, como e em qual contexto? “Em segundo lugar, os conceitos normativos que expressam interpretações dos significados dos símbolos, que tentam limitar e conter suas possibilidades metafóricas” (SCOTT, 1995, p. 86). Esses conceitos estão expressos nas doutrinas religiosas, educacionais, científicas, políticas ou jurídicas, que tentam dar significado a homem e mulher, masculino e feminino. O terceiro elemento faz referência às “instituições e à organização social” (SCOTT, 1995, p. 86), incluindo uma visão mais ampla que incorpore o mercado de trabalho, a educação, o sistema político, etc. Finalmente, como quarto aspecto do gênero, Joan Scott aponta a identidade subjetiva na qual é necessário “examinar as formas pelas quais as identidades generificadas são substancialmente construídas e relacionar seus achados com toda uma série de atividades, de organizações e representações sociais historicamente específicas” (SCOTT, 1995, p. 88).

É importante estabelecer que gênero e sexo se relacionam e que o conceito de sexo remete “às questões da constituição dos corpos, das suas características físicas que permitem designá-los como machos e fêmeas” (LOURO, 2006, p. 9). Supostamente, deveria indicar o gênero masculino e feminino e a sexualidade no sentido do desejo pelo sujeito do sexo ou gênero oposto. Já a sexualidade é compreendida como invenção social, ou seja, se constitui a partir de múltiplos discursos sobre o sexo e sobre as formas de vivenciar o masculino e o feminino (LOURO, 1997). Esse termo procura tocar muito amplamente em todas as disposições, os rituais, os códigos, as linguagens, as expressões físicas e comportamentais do desejo que se podem dar em direção ao sujeito do sexo oposto, que se podem dar em direção ao sujeito do mesmo sexo ou de ambos os sexos. Há muitas formas de se expressar a sexualidade (LOURO, 2006).

Dessa forma, dialogando com o autor do texto fica explícito, que o gênero é muito mais que características biológicas, como a determinação do sexo masculino e feminino. Em tempos atuais, o gênero pode ser caracterizado de acordo com como o indivíduo se compreende, a determinação de um gênero em específico pode

segregar, e impor uma realidade que não é considerada pelo indivíduo, apenas para fazer parte de um segmento aceitável na sociedade. Gênero é então entendido como “a construção social que uma dada cultura estabelece ou elege em relação a homens e mulheres” (ALTMANN, SOUSA, 1999, p. 2). Remete-se às construções sociais e históricas produzidas sobre as características biológicas, pretendendo “se referir ao modo como as características sexuais são compreendidas e representadas ou então, como são trazidas para a prática social e tomadas parte do processo histórico” (LOURO, 1997, p. 22).

Na dança, as construções sociais e culturais foram se moldando através dos tempos e a sociedade foi modificando a concepção do contexto da dança. Por exemplo, em breve perspectiva histórica, no século XVIII, as mulheres não eram bem recebidas nos palcos para praticar o balé, pois não era aceitável que alguém do sexo feminino se apresentasse em público, dando mais espaço aos homens. Porém, como colocado pelo autor, o período da Revolução industrial trouxe a romantização do feminino como a conservadora do lar e o homem no centro da discussão como o provedor, um discurso patriarcal e sexista, que não condizia com as possibilidades expressivas da dança que, muitas vezes são consideradas do universo feminino.

O efeito dessa colocação rende estereótipos até nos dias de hoje, mesmo após a ascensão de homens atuantes dos balés russos, a figura do masculino na dança ainda recebe adjetivos negativos que colocam em questão a sexualidade do homem. Porém, existem modalidades que são vistas como positivas a imagem do mesmo, como as danças urbanas. Nelas, a figura do masculino é exaltada, justamente por demonstrar a virilidade e a força para algumas pessoas. Uma reflexão interessante mostra o outro lado ao analisarmos a modalidade de dança do ventre, na qual a sociedade considera “inaceitável” a participação do homem, justamente por ligar a dança com questões de reprodução e sensualidade feminina, excluindo a figura masculina daqueles que desejam participar da dança. Andreolli (2019) pondera que a classificação de gênero limita a participação de indivíduos devido ao medo de represálias e exclusão em uma sociedade que ainda não possui o bom senso para lidar com a situação. É possível ainda ressaltar que, neste caso, se trata da falta de informação e de colocar essa temática na pauta da discussão.

Por isso, faz-se necessário discutir a temática para desconstruir essa concepção de gênero, para que as pessoas possam se sentir a vontade praticando uma modalidade, sem correr o risco de julgamentos. Para isso, é necessário criar metodologias que abordam a temática de modo amplo, para que todas elas possam discutir a questão do gênero da dança, abrindo espaço para que cada vez mais as pessoas participem, sem o medo do julgamento alheio.

Andreoli (2019 p.10) determinou as concepções machistas e sexistas sobre o homem na dança:

- a) tecer comparações entre esportes e dança, fazendo referências a dançarinos como atletas e esportistas (em vez de bailarinos), concentrando-se em movimentos de dança mais físicos e atléticos para os homens; b) minimizar o significativo número de bailarinos que não são heterossexuais; c) comentar sobre bailarinos heterossexuais famosos, destacando as oportunidades para as “conquistas” heterossexuais para os dançarinos do sexo masculino (ANDREOLI, 2019, p.10)

Portanto, discutir essas questões é mais que necessário que para que pessoas possam exercer seus direitos de liberdade de escolha, cabendo somente a elas a

decisão de escolher ou não a dança, sem basear suas preferências em estigmas. É importante que metodologias sejam sintetizadas para que esses indivíduos se sintam livres, introduzindo nessas realidades em ambiente acolhedor, que ofereça uma proposta não-binária, incluindo também as comunidades LGBTQIAP+, transexuais, Drag Queens e demais pessoas que devem exercer os seus direitos de cidadão.

Alguns autores analisados por Andreoli discutem sobre as novas metodologias como um espaço para que o dançarino se sinta livre para expressar os movimentos da dança, alguns deles apostam na inversão de papéis perante as vestimentas, para que o conceito de masculinidade seja desconstruído, para que haja uma maior possibilidade de inserção das pessoas no âmbito da dança.

Problematizar as questões de gênero na dança vai muito além, no entanto, da preocupação em como motivar e atrair o interesse dos meninos para esta prática. Tal questão, da construção simbólica da noção de que a dança é um universo “feminino”, articula-se de uma forma complexa a outras construções simbólicas. A dificuldade que muitos professores ou muitas professoras sentem em aproximar meninos da dança é apenas o elemento final de uma longa cadeia que começa com a construção de modelos identitários bastante limitados de “masculinidade” e de “feminilidade”.

Portanto, foi possível, por intermédio do estudo do texto de Andreoli (2019) dialogar sobre uma questão pertinente no âmbito da dança a ser discutida frequentemente que é a segregação movida pelos gêneros, esse tipo de comportamento é dispensado pelo autor, comprovando que o feminino e o masculino fazem com que haja a exclusão de pessoas em um ambiente que deveria ser acolhedor e receptivo a todos que desejam praticar a modalidade. Isso faz com que mais estudos sejam publicados para que a temática seja permanente no meio social, contribuindo para o fim dos estereótipos.

## REFERÊNCIAS

**PRINCIPAL:** ANDREOLI, G.S. O Ensino da dança e as relações de gênero e sexualidade. *Revista Latinoamericana de Estudios en Cultura y Sociedad | Latin American Journal of Studies in Culture and Society* V. 05, no 02, mai-ago., 2019.

ALTMANN, Helena. SOUSA, Eustáquia Salvadora de. Meninos e Meninas: expectativas corporais e implicações na educação física. *Caderno CEDES*, v. 19, n. 48, ago. 1999.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. Gênero e sexualidade. Belo Horizonte: 2006. *Presença Pedagógica*, Belo Horizonte, v.12, n.72, p.5-15, nov/dez 2006. Entrevista concedida a Cláudio Lúcio Mendes, Graça Paulino e Marlucy Alves Paraíso.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre v. 20 n. 2 p.71-99 jul./dez. 1995